

## HELENA MORLEY: O OLHAR E A MEMÓRIA

(Maria Inês de Moraes Marreco (UFMG))

“E o que é uma renda?”

Não mais que uma linha, cordão ou fita, que contorna buracos, fazendo desenhos. Com esse contorno desfilam flores, folhas, arabescos, gregas, uma infinidade de formas, mas o buraco continua lá.

E o que acontece se, por acidente, o fio é puxado?

Não sobra nada dos desenhos, apenas o fio. A renda, com seus desenhos, é devolvida, em sua condição de buraco, de espaço vazio”.

ANA MARIA PORTUGAL

Se quisermos pensar neste fragmento sob o prisma de que, tanto fazer renda quanto elaborar a escrita feminina são igualmente trabalho e desejo, a escrita feminina é o equivalente suposto do produto do trabalho feminino, a renda. A escrita aprende com a mulher o saber tecer sobre o vazio.

Como Penélope, do nome próprio Penelopéia “*aquela que tece*” que aprendeu a tecer sua saudade e sua solidão: “*de dia, ia tecendo uma trama imensa; de noite, mandava acender tochas e a desfazia*”, criando para si a sensação de que dessa forma a espera de Ulisses seria menos dolorosa. Era pensando no futuro que ela suportava o presente.

Para Lúcia Castello Branco: “*se o texto da memória tem algo do emblema de Penélope, é somente na medida em que ele se (des)faz a partir do esquecimento*” (CASTELLO BRANCO, 1994, p.8). E ela afirma ainda: “*É preciso haver lacuna para que o gesto da memória se dê*” (p.63)

Entretanto, a escrita memorialística parece querer buscar no passado o que se quer no presente, apresentando no presente o que é sempre passado, e, mesmo apontando o futuro como lei do que será lembrado, promete recuperar o perdido. Logo, abordar esta escrita, ao mesmo tempo em que se aborda a escrita feminina, é contornar, é dar ao texto feminino o lugar da ambigüidade, da utopia, que é a captura de um sujeito, é constituir, construir e reconstruir uma história e tentar apresentá-la como verdade absoluta, sem fissuras, sem brechas, sem lacunas. E isto é nada mais nada menos do que a ilusão de poder estabelecer com o leitor um pacto de fidedignidade através do que podemos chamar de “*gênero do impossível*”: os diários, as cartas, as memórias, enfim, o gênero memorialístico.

E porque “*gênero do impossível?*” É a pergunta que não quer calar. O paradoxal se instala: buscar no passado o que está perdido e só no seu reencontro torná-lo possível na presente. Mas, se estava perdido, como encontrá-lo? Somente a linguagem dará conta de resolver esta questão. Assim, a literatura para esclarecer nossas dúvidas posiciona-se: de um lado, tentando preencher as lacunas deixadas pelo esquecimento, de outro, mostrando-nos estas lacunas para nos fazer compreender o processo da memória, incluindo neste, a literatura memorialística, os diários e todas as outras formas que convencionalmente se prestam às escritas femininas.

E, se questionarmos uma classificação de gêneros, veremos que os textos memorialistas ou de memória são sempre colocados na periferia da chamada classe dos textos estritamente literários; situam-se como paraliterários, ao lado da literatura, como um deslocamento deste, posicionando-se de outro lugar.

Isto, para Deleuze, é o lugar da “*desterritorialização*” ou da noção de uma “*literatura menor*”. Mas não no sentido pejorativo da palavra “*menor*”, e sim, como marca de singularidade, de deslocamento, que o escritor imprime à sua obra. Assim como, desterritorializada, no sentido de ser feita por uma minoria em relação à “*grande literatura*”. Dessa forma, fazer a literatura memorialística não significa fazer uma literatura inferior, e sim, marcar uma singularidade que além de questionar, tenta buscar a consagração.

É do lugar da escrita feminina, da memória, do esquecimento e da marginalidade, onde se instala o discurso feminino, que Helena Morley, em **Minha vida de menina**, mostra, de forma brilhante, o parentesco entre a escrita feminina e a memorialista, sem deixar de lado os dois elementos fundamentais que aí se encaixam: a memória e o tempo.

Ao rever e ordenar as antigas anotações, Helena, em 1942, consente em transformá-las em livro: “...*que mostrasse às meninas de hoje a diferença entre a vida atual e a existência simples que levávamos naquela época*”. (MORLEY, 1998, p.13).

Memorialista, mineira de descendência inglesa, Helena Morley (nome literário de Alice Dayrell Garcia Brant), nasceu em Diamantina, M.G., em 28 de agosto de 1880. Cursou a Escola Normal e durante algum tempo dedicou-se ao magistério. Casou-se em 1900 com Augusto Mário Caldeira Brant, com quem teve seis filhos. Morreu, no Rio de Janeiro, em 20 de junho de 1970.

Helena foi estimulada por seu pai a registrar em um diário suas observações sobre o mundo em sua volta: “*Escreva o que se passar com você, sem precisar contar às suas amigas e guarde neste caderno para o futuro as suas recordações*”. (MORLEY, 1998, p.68). Entre os treze e os quinze anos, de 1893 a 1895, momento crítico de sua vida, quando lutava para conquistar sua liberdade e integridade, manteve um diário em que anotava não só o dia-a-dia na família e na escola, como também alguns comentários sobre a vida da cidade e da região, com seus costumes arraigados, suas relações sociais, suas contradições. Registro que resultou em um depoimento esclarecedor sobre a sociedade mineira do entresséculos (XIX/XX) e sobre a posição da mulher em relação ao casamento, à maternidade, etc.

Em 1941 a família Brant morava no Rio de Janeiro. Certa tarde, para distrair os filhos, Alice pegou entre seus guardados o diário de menina e resolveu ler para eles e o marido. Ao final da leitura o marido sugeriu: “- *Porque não publicamos esse diário? Muita gente iria ter a oportunidade que estamos tendo de ouvir histórias tão interessantes de uma menina inteligente numa cidadezinha mineira, no final do século passado*” (BRANT, 2003).

Alice, entretanto, só concordou em transformar aquilo num livro, se usasse um pseudônimo, pois temia que Diamantina inteira se voltasse contra ela. Escolheu Helena porque achava o nome bonito e Morley por ser o sobrenome de sua avó materna.

Assim nasceu Helena Morley.

O livro foi um grande sucesso. O Brasil inteiro comentava e as edições se esgotavam uma após outra, deixando Alice perplexa, pois naquela época, aquele diário era, para ela,

apenas um registro sobre sua infância na província, que fizera para suas netas. Em setembro de 1942, Helena Morley na nota à 1ª edição de seu livro diz:

Agora uma palavra às minhas netas. – Vocês que já nasceram na abundância e ficaram tão comovidas quando leram alguns episódios de minha infância, não precisam ter pena das meninas pobres, pelo fato de serem pobres. Nós éramos tão felizes! A felicidade não consiste em bens materiais mas na harmonia do lar, na afeição entre a família, na vida simples, sem ambições – coisas que a fortuna não traz, e muitas vezes leva”. (MORLEY, 1998, p.14).

A linguagem de Helena tem a forma de uma crônica do cotidiano, cuja estrutura é composta de uma seqüência de episódios, cada um resolvido dentro de si mesmo. O conjunto destes episódios gera a história. A narrativa avança numa seqüência progressiva das experiências da personagem ao mesmo tempo em que apreende o mundo que a circunda. Ora recorre à memória de um fato passado, ora abre as portas dos “castelos” imaginados. Dividida entre a infância e a puberdade, entre o sonho do diamante redentor e as lavras e minas esgotadas, ela criou um olhar independente sobre a província decadente, acorrentada ao passado.

**Minha vida de menina** é um painel multicolorido do final do século XIX, momento histórico singular na Brasil, com o sabor e a vivacidade de um diário de adolescente: “*O livro radiografa o cotidiano da sociedade brasileira de província nos primórdios da República, momento em que a escravidão acabara de ser abolida e o trabalho livre ainda não estava enquadrado nas alienações da forma salarial*”. (SCHWARTZ, 1997).

As contradições sociais, (pobre em família abastada), as inovações tecnológicas, (a inauguração dos correios), os atritos interpessoais, as festas religiosas, as várias faces do “*racismo cordial*”, (recriminada por brincar com as negrinhas ou pajear os bebês negros), tudo isto surge nas páginas do diário da menina, numa linguagem franca e saborosa, plena de humor e calor humano.

**Minha vida de menina**, obra prima da literatura memorialística, tanto pode ser lida como romance de formação de uma mulher como de um país. Sua virtude inicial é não ter nenhum compromisso com um enredo linear, é um diário composto de vários casos, observações e incidentes da vida cotidiana de uma das mais tradicionais cidades mineiras do século XIX, onde a Igreja dominava corações e mentes.

Outro atrativo do livro é a linguagem de sua autora, salpicada de regionalismos, de um falar deliciosamente mineiro, de estruturas e cacoetes da língua, de um contagiante relato do amor que a unia à avó, um carinho que crescia a cada dia com o convívio, que fazia cada uma esperar que a outra aparecesse. Helena conta que corria para a casa da avó quando o desespero tomava conta dela. E então, era consolada pelo carinho da velha. È livro para ser lido sem pressa, a meio caminho do documento e da ficção.

Elizabeth Bishop, poetiza norte-americana (distinguida com o Prêmio Pulitzer) quando veio morar no Brasil, pediu a Manuel Bandeira que lhe indicasse alguns livros capazes de contribuir, eficazmente, para a sua *descoberta* do Brasil. Um dos livros indicados pelo poeta foi **Minha vida de menina**. Ela ficou tão encantada que resolveu traduzi-lo. Foi a Diamantina e conheceu todos os lugares que Alice percorreu na sua infância. Traduziu o livro com enorme competência e sensibilidade e o sucesso foi enorme.

Eis como o “*Time*” saudou “*The Diary of Helena Morley*”: “*O diário é cheio de graça, da beleza e de alguns dos dissabores da vida de uma cidade provinciana*”.

Além de ser traduzido para o inglês, em 1958, o diário da *menina* foi publicado em Lisboa em 1959, traduzido para o francês, *Journal D'Helena Morley*, por Marlyse Meyer, em 1960, e para o italiano, *Una Ragazza in Diamantina*, por Giuseppe Valdamia e Giovanna Visentin, em 1963.

**Minha vida de menina** foi transformado em filme sob a direção de Helena Solberg, num longa-metragem que estreou em setembro de 2005, com o roteiro de Elena Soarez e Helena Solberg e distribuído pela Europa Filmes/ M.A.Marcondes. O filme foi o grande vencedor do Festival de Gramado.

Vera Brant, grande amiga de Alice, em entrevista à *Revista D.O. Leitura nº 8*, 2003, declarou: “*Eu sempre tive esperanças de que Sarita (filha de Alice), com seu talento, escrevesse sobre sua mãe. Sempre achei que as pessoas que haviam lido **Minha vida de menina**, teriam curiosidade de saber o que aconteceu durante a vida, com a Helena*”.

Infelizmente, isto não aconteceu. Mas não podemos deixar de registrar o que foi dito sobre este pequeno *best-seller*:

- Gilberto Freyre no jornal *A manhã*, de 19 de junho de 1943: “*A narrativa é quase história natural...*”

- Raquel de Queiroz no jornal *Folha Carioca*, de 29 de abril de 1944: “*... é um retrato a bico de pena da cidade de Diamantina nos fins do século passado, ... um caso único na literatura brasileira,...Senhores do artifício e da invenção, romancistas do retorcido e do complicado... vinde aprender uma lição de clareza e de simplicidade*”.

- George Bernanos: “*c'est une oeuvre géniale...un livre unique, impossible à traduire... c'est un miracle, comme le miracle de Rimbaud...*”

- Paulo Mendes Campos: “*Não sou profeta, mas “**Minha vida de menina**” há de ficar na literatura como um desses clássicos peculiares como os diários de Pepys, de Marie Bashkerstaf, de Anne Frank. Ao contrário da obra de Lewis Carroll, aí se conta a história de uma menina em um país de verdade*”.

- Guimarães Rosa, 15 de julho de 1958, “*...um dos maiores livros brasileiros, dos mais importantes*”.

- Manuel Bandeira: “*...aquele mundo de Diamantina não morrerá jamais. Sinto igualmente que o centro daquele seu mundo é a figura da avó; eis um dos mais fortes e impressionantes retratos da nossa literatura*”.

- No *Diário de Notícias*, em 1958, Rubem Braga escreveu: “*Se você quiser dar um livro de presente, dê esse, porque dá sempre certo: estou falando de **Minha vida de menina** de Helena Morley*”.

- *Chicago Sunday Tribune*: “*tem as raras qualidades da observação, compreensão humana e o inato espírito de descrever com simplicidade tudo o que viu e sentiu*”.

- *Globe Democrat* acentuou que Helena “*deu ao seu diário uma duradoura universalidade, um sentimentalismo que rompe as fronteiras de sua pequena cidade e alcança o mundo*”.

O *Jornal do Brasil*, 2 de fevereiro de 1958, publicou na coluna de Nelson Coelho: “*Caminha para o “Best Seller” o Diário da brasileira Helena Morley*”. E no mesmo jornal, no dia 8 de julho, Fernando Sabino disse: “*...inesperado sucesso que foi o lançamento em inglês, constituído em best-seller e saudado pelos melhores críticos americanos*”.

Em 1960, Bráulio Pedroso, no Suplemento feminino do *Estado de São Paulo*, escreveu: “*O encantamento está no retorno que empreendemos aos nossos valores infantis,*

*a nossa efabulação descompromissada, no reviver os julgamentos que precederam nosso encontro com a realidade adulta”.*

A revista feminina *Elle* aconselha suas leitoras francesas: “*Leiam algumas páginas. Vocês serão imediatamente conquistadas. A menina Helena se tornará para vocês a irmãzinha de Marie Bashkerstaf e de Anne Frank*”.

Em 30 de agosto de 1980, foi celebrada uma Missa no Mosteiro de São Bento, pelo centenário de nascimento de Alice Dayrell Caldeira Brant (Helena Morley). Carlos Drummond de Andrade escreveu uma belíssima crônica em sua homenagem – HELENA E ALICE NUM CENTENÁRIO – “*Há cem anos nascia a autora de **Minha vida de menina**, livro sem par na literatura brasileira...*”

HELENA Morley é patrona da Academia Feminina Mineira de Letras.

Mas, o que eu gostaria de propor neste trabalho, talvez fosse fugir da rigidez dos gêneros literários consagrados e pensar no tempo como um descontínuo, mostrando que é impossível recuperar na íntegra o vivido.

Alguns estudiosos que se dedicaram à questão do tempo e da memória conceberam a memória como um processo que se volta ao passado, extrai dele a matéria bruta e a traz ao presente. Sendo assim, o gênero memorialista pode ser concebido como uma escrita que vai ao passado, captura ali o vivido e o traz ao presente da narrativa mais ou menos intacto.

Porém estas teorias fundamentam-se na concepção linear do tempo (continuum) e desconsideram o sujeito, como é visto hoje - fragmentado, descontínuo, nessa estranha dimensão do real.

Para Santo Agostinho, por exemplo, a memória é um “*receptáculo*”, um “*santuário*” onde o passado se conserva puro; para ele, a memória é capaz de resgatar o vivido em sua integridade.

Segundo Lúcia Castello Branco: “*Para que se construa sem problemas a ilusão do resgate do real, essa concepção precisa desconhecer que, sob o gesto de se debruçar sob o “santuário” do passado e da lá trazer seus tesouros ao presente, um outro gesto se efetua: o da linguagem*”. (CASTELLO BRANCO, 1994, p.24).

Só através da linguagem é que podemos, ao mesmo tempo, resgatar as imagens do passado, indo na direção ao que já não é e oferecer o que se dá, isto é, um gesto implica a retroação ao passado, simultaneamente, o outro gesto traz o passado ao presente, e, inevitavelmente, o direciona ao futuro. E isto se dá através da representação verbal, a linguagem. E acrescenta:

Compreender a memória sem considerar esses dois gestos, esses dois movimentos, é recair, ingenuamente, na ilusão de uma captura do real, de uma conservação fossilizada do passado e de uma falsa inteireza do sujeito que efetua a rememoração. É desconhecer que o tempo, apesar da linearidade que lhe é atribuída, constrói-se de descontinuidades, saltos, rupturas, que é em meio aos interstícios desses deslocamentos, em meio às brechas que se abrem nas malhas desse tecido, que se dá o processo da memória”. (CASTELLO BRANCO, 1994, p.25).

Para que possamos melhor compreender as teorias acerca da memória e do tempo pensemos um pouco na mitologia grega.

Meyerhoff acreditava que os mitos fossem escolhidos como símbolos literários com dois objetivos: o primeiro sugerir um ambiente secular e o segundo transmitir um sentido de continuidade com a humanidade em geral.

Desse modo, Prometeu e Teseu, Ulisses e Telêmaco, Orfeu e Eurídice, Édipo e Jocasta, e, porque não, Mnemosyne, podem ser considerados como símbolos que sugerem a repetição cíclica da mesma situação humana. Podem ser revividos para significar o que ultrapassa todos os tempos.

Assim faz sentido que Mnemosyne (memória) e Lethe (esquecimento) são forças antagônicas complementares, e que, Mnemosyne, deusa da memória era capaz de não só resgatar o passado como sua perda, seu esquecimento. Para os gregos, antes da alma voltar a um novo corpo ela era levada para perto de duas fontes chamadas Lethes e Mnemosyne. Ao beber da água da primeira, esquecia-se de tudo de sua vida humana, ao beber da segunda, guardava a memória de tudo que havia visto ou ouvido no outro mundo e quando voltava, além do conhecimento do mundo presente, tinha a revelação do futuro.

Neste caso, o processo da memória não se trata apenas de um preenchimento de lacunas, mas também, uma recomposição do passado.

Logo, o passado se constrói a partir de faltas, ele não se conserva inteiro, e, buscar o que já se foi significa construir o que ainda não é, e o que virá a ser.

Baseado nisto entende-se que a memória não é somente a volta ao passado, é também, aquilo que se constrói em direção ao futuro.

Hoje, quando chegamos à casa de Júlia, ela disse a mamãe: “os planos de Helena já se vão por água abaixo, Dona Carolina. A senhora já soube que vou me casar breve? Já arranjei até substituta. Agora vai ser mais difícil para Helena”. Respondi: “Eu também não tenho esperança de tirar meu título tão cedo, Júlia. Se no primeiro ano já encalhei, avalie nos outros. Também a gente não sabe do futuro. Quem sabe se eu também, quando ficar moça, não vou encontrar, como você, um rapaz de quem eu goste e não vou ter precisão de dar escola?”. Júlia disse: “Isto é que vai ser o mais certo”. (MORLEY, 1998, p.121).

O que se percebe nesse fragmento, “*Também a gente não sabe do futuro*”, é que a lacuna entre o presente e o futuro, o salto de um tempo para o outro e esta marca de descontinuidade temporal são inevitáveis.

Para atribuímos um significado ao conceito da ordem do tempo recorremos a Kant em sua justificação do princípio da causalidade. Ele mostrou que a causalidade era indispensável para se ordenar os eventos no tempo; se A é a causa de B, então A é anterior a B; A deve preceder B, isto é, A pertence ao passado e B ao futuro. E conclui que essa causalidade em si é o princípio objetivo da natureza: não se pode, assim, passar um filme de traz para frente ou desfazer ovos batidos. Isto poderia ser classificado como processo irreversível que define não só a ordem, mas também, a direção do tempo. Logo: A como causa e B como efeito estabelece uma ordem anterior e posterior, passado e futuro.

Podemos ainda optar por outro critério para distinguir o passado e o futuro: o passado deixa traços, marcas ou registros, o futuro não.

Hans Meyerhoff em *Aspectos do tempo na literatura*, diz:

Por passado queremos dizer, então, a coleção inteira de história registrada – seja do universo ou do homem; por futuro, aquilo que não tem história. Traços e registros do passado podem ser naturais ou feitos pelo homem. Assim,

deixamos registros ou inscrevemos marcas para nos orientar em relação a uma ordem objetiva de tempo contra a vaga e falível ordem dos eventos da memória. (MEYERHOFF, 1976, p.19).

A memória é desta forma, o lugar onde são guardados os registros, traços e marcas do que está no passado. Não há memória do futuro.

É a lembrança que traz aquilo que já se perdeu. No ato de lembrar está inclusa a noção de que algo foi esquecido e que quando tentamos reconstruir o que se foi, lembramos de fragmentos daquele outro tempo. É, então, que a memória do presente vai se encarregar de organizar esses fragmentos e atualizá-los, o que não significa um resgate idêntico dos fatos como quando estes ocorreram.

Walter Benjamin foi um dos responsáveis pelo despertar do nosso desejo de “*lembrar de esquecer*”. Dele extraímos a idéia da impossibilidade de se voltar ao passado e trazê-lo ao futuro tal como ele de fato ocorreu: “*Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois*”. (BENJAMIN, 1994, p.37).

Quando Helena descreve as passagens de sua vida, ela o faz de tal maneira que cada um de nós parece ter vivido momentos iguais. Durante a leitura de **Minha vida de menina**, tem-se a impressão de que Helena é ou foi, muito parecida com você; que mesmo respeitando condições de vida distintas, esse diário se assemelha ao seu, mesmo que você nunca tenha escrito um, tal a dimensão, a riqueza de detalhes das lembranças desta menina.

Também Nietzsche foi um defensor do tempo certo para se esquecer e do tempo certo para se lembrar, sem, no entanto, querer dizer que podemos controlar nossa memória. Dele, guardamos a idéia da impossibilidade de viver sem o esquecimento: “*... que se saiba tanto esquecer na hora certa, como também que se recorde na hora certa, de que as pessoas sintam com um instinto forte quando é necessário sentir-se de modo histórico ou não-histórico*”. (SELIGMANN-SILVA, 2003, pp.60-61).

Já para Bérgeon: “*A memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente. É no passado que nos colocamos de saída*”. (GUIMARÃES, 1997, p.38). Visto sob este prisma, Helena se instala no passado para depois selecionar as informações que lhe interessam, concedendo-lhes uma existência.

Eu acho a festa do Divino uma das melhores que nós temos. Isto da música levar nove dias indo a todas as casas buscar, debaixo da bandeira, as pessoas que fazem promessas, alegre a cidade muitos dias seguidos. Há três anos seguidos que eu não deixo de levar cera debaixo da bandeira. Vovó faz promessa todo ano e quando chega a festa do Divino eu ganho um vestido novo para levar a cera. Também é a única coisa em que eu faço inveja às outras primas. Dindinha às vezes fala com vovó para mandar outra, mas ela não quer. (MORLEY, 1998, p.56).

Nesse contexto cabe a projeção da memória como categoria afetiva de relacionamento com o passado, com suas diferentes leituras e diferentes formas de interpretação. Também neste ponto Benjamin se mostrou à frente de sua época, oferecendo-nos instrumentos para a leitura de textos de testemunho, e, conseqüentemente, de textos memorialísticos.

Contudo, baseados na observação de Deleuze, concluímos que:

Não devemos confundir a invocação à lembrança e a “evocação da imagem”. A invocação à lembrança é esse salto súbito pelo qual me instalo no virtual, no passado, em uma determinada região do passado, em tal ou qual nível de contração (...). Quando falamos, ao contrário, de evocação ou de revivência da imagem, trata-se de coisa completamente diferente. Somente quando já estamos instalados nesse nível em que jazem as lembranças, é que estas tendem então a se atualizar. Invocadas pelo presente, as lembranças perdem a ineficácia e a impassibilidade que as caracterizava como recordações puras. Se atualizam ou se encarnam. (GUIMARÃES, 1997, p.38).

Pontuando assim, a observação de Deleuze, podemos inferir que a menina de Helena Morley teria que evocar as imagens do passado, pois, só assim, instalada no nível das lembranças, poderia conseguir que estas se atualizassem, o que lhe conferiria a capacidade de narrar o acontecido sem hesitações.

E Lúcia Castello Branco afirma:

Esse paradoxo do tempo presente, que só pode ser captado, enquanto passa, parece ser colocado no cerne da questão da narrativa memorialística que, ao pretender, com o ato de rememorar, a atualização, a presentificação do passado, termina por desembocar novamente no passado, através do processo de significar, de transformar o vivido, o experimentado, em texto. Enquanto isso, como já observamos, uma outra instância temporal invade a cena: o futuro que, absurdamente, já estava ali e evocou a lembrança, a reminiscência. (CASTELLO BRANCO, 1992, pp.32-33).

A obra de Helena Morley gira em torno do ato de rememorar, de atualizar e presentificar o passado através de suas lembranças e a volta ao passado é inevitável.

A autora vale-se das memórias da infância para construir uma obra-prima irrepreensível. De sua narrativa tem-se a impressão de que nada foi esquecido: as datas, os amigos, os professores, as colegas, as empregadas, os sabores, e, principalmente, as pequenas decepções, sempre tão compreendidas e amenizadas pelo carinho imenso dá avó querida.

Entretanto, nada há de excepcional na vida desta menina, já que não passa de uma menina pobre, de cidade do interior, uma existência sem grandes acontecimentos.

Apesar disso, o texto de Helena se ergue, torna-se um *best seller* e justifica plenamente as palavras de Raquel de Queiroz: “*Senhores do artifício e da invenção, romancistas do retorcido e do complicado... vinde aprender uma lição de clareza e de simplicidade*”.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** (Obras escolhidas; v.I). Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

BRANT, Vera. **Revista D.O. Leitura nº 8** – Helena Morley – Alice Dayrell Caldeira Brant. Brasília: Agosto, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras (1711-2001)** – Escrituras Editoras. São Paulo: 2002.

MEYERHOFF, Hans. Aspectos do tempo na literatura. In: **O tempo na literatura.** Trad.: Myriam Campello. Ed. McGraw-Hill do Brasil Ltda. São Paulo: 1976.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina.** 9ª edição. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1998.

SALIBA, Ana Maria Portugal. **M. Mulher: da Cortadura à Bordadeira.** Reverso, Belo Horizonte, Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, 26, março 1987, p.31.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes.** Marcio Seligmann-Silva (Org.) Ed. da UNICAMP, Campinas, SP: 2003.

SCHWARTZ, Roberto. “Outra Capitu”. In: **Duas meninas.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997.